



MEMÓRIAS DA DOCÊNCIA NO MST: TRAJETÓRIA DE UMA PROFESSORA DO MUNICÍPIO DE ITAQUIRAI/MS¹

Giseli Tavares de Souza Rodrigues^{ID²}
Adriana Horta de Faria^{ID³}, *Magda Sarat*^{ID⁴}

RESUMO: Este trabalho, discuti a trajetória profissional de uma professora que atuou em um assentamento do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST no município de Itaquiraí Mato Grosso do Sul. O trabalho objetivou identificar e analisar a profissão docente no interior do estado de Mato Grosso do Sul, em uma figuração específica, por meio da história e memórias de uma professora que iniciou e exerceu toda a carreira docente com a infância. Trabalhamos com a abordagem metodológica da História Oral Temática, com apoio de entrevista. Os dados discutidos foram analisados à luz do aporte teórico de Norbert Elias, a partir dos conceitos de figuração e interdependência, contando também com outros autores. A trajetória da professora estudada permitiu compreender o processo de constituição da profissão docente, do ser professora, da prática com crianças e do papel que ela teve na educação da infância no interior do estado.

Palavras-chave: História da educação. Profissão docente. Trajetória profissional. Memória.

MEMORY OF THE DOCTORY IN MST: PATH OF A TEACHER OF THE CITY OF ITAQUIRAI / MS

ABSTRACT: This paper discusses the professional trajectory of a teacher who worked in a settlement of the Landless Rural Workers

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

² Mestre em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Professora da Rede Municipal de Ensino de Naviraí/MS Contato: giselits2010@hotmail.com

³ Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da UFGD. Professora da Educação Básica em Naviraí/MS. Contato: profadrianahortadefaria@gmail.com

⁴ Doutora em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba, com Pós-doutorado pela Universidade de Buenos Aires/UBA. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFGD. Contato: magdasaratufgd@hotmail.com





Movement (MST) in the municipality of Itaquiraí Mato Grosso do Sul. The study aimed to identify and analyze the teaching profession in the interior of the state of Mato Grosso do Sul., in a specific configuration, through the history and memories of a teacher who started and exercised her entire teaching career with childhood. We work with the methodological approach of Thematic Oral History, with interview support. The data discussed were analyzed in the light of Norbert Elias theoretical framework, based on the concepts of configuration and interdependence, also counting on other authors. The trajectory of the teacher studied allowed us to understand the process of constitution of the teaching profession, being a teacher, the practice with children and the role it had in the education of childhood in the state.

Keywords: History of education Teaching profession. Professional career. Memory.

1. Introdução

Este estudo originou-se a partir de dados levantados em uma atividade final proposta na disciplina de História Oral no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Grande Dourados - PPGEDU/UFGD em nível de Mestrado e Doutorado e apresenta a trajetória profissional de uma professora que atuou com a infância no município de Itaquiraí/MS há mais de 20 anos, moradora de um assentamento rural.

A professora Vera Antônio Monteiro Pinto Cardoso⁵ começou na carreira docente em 1997, aos 28 anos, quando se mudou de Dourados/MS para Itaquiraí/MS⁶ ao se deparar com a falta de professores em tal região, visto que se encontrava em um acampamento 'sem terra' pertencente ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST e não existia escola. O Movimento de Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST surgiu em 1984 tendo como finalidade principal lutar pela terra, lutar pela reforma agrária e lutar por mudanças sociais no país.

A professora Vera e seu esposo Lorival Monteiro Cardoso que tinham formação em Magistério, juntamente com a liderança do

⁵ A professora autorizou, com os devidos documentos para tanto, a utilização de seu nome.

⁶ De acordo com a geopolítica atual, informamos que o município de Itaquiraí/MS está localizado na região Centro-Oeste do Brasil, no sul interior de Mato Grosso do Sul, na Mesorregião do Sudoeste e na Microrregião de Iguatemi (FARIA, 2018).





acampamento do MST, resolveram organizar um espaço para atender e alfabetizar as crianças de tal localidade. Como o grupo de acampados era nômade, ou seja, mudava frequentemente de um lugar para o outro, a cada mudança Vera e seu marido levava os materiais para a instalação da escola onde fossem acampar. Geralmente se instalavam em regiões próximas sendo todas ligadas ao município de Itaquiraí/MS. Viveram como nômades durante três anos, e atuavam com as crianças voluntariamente e somente no ano de 2000, com o surgimento do assentamento⁷ chamado de Tamakavi o grupo de pessoas se estruturou em seus lotes e na sede do vilarejo rural foi organizada uma escola definitiva e Vera foi contratada para atuar com as crianças de ensino fundamental juntamente com o seu esposo.

Embora a trajetória de Vera tenha sido construída atrelada a de seu esposo, a finalidade deste artigo foi identificar e analisar a trajetória docente no interior de Mato Grosso do Sul, dentro da figuração específica do assentamento, por meio da história dela que iniciou e exerceu a profissão com a infância no meio rural. O recorte temporal escolhido foi de 1997 a 2019 que contempla toda a carreira da professora. Falar de trajetória docente implica em pensar e analisar acerca da formação e profissão docente, de experiências individuais, plurais e práticas profissionais, entre outras questões. Assim, “é impossível separar o eu profissional do eu pessoal”, Nóvoa (2000, p. 17), isso leva a pensar que além do indivíduo ser profissional, também é sujeito pessoal e social, produtor de sua história. “Os “casos” reais do ensino e da aprendizagem são segmentos das “vidas feitas histórias” que vivemos como professores, e fazem parte da história do exercício da profissão” (BEN-PERETZ, 2000, p. 201).

Norbert Elias ajuda a entender as figurações interdependentes entre os indivíduos apontando que elas acontecem por meio das relações humanas, incluindo aspectos sociais e profissionais. Deste modo, comprehende-se que existem as figurações que são os grupos humanos nos espaços sociais como, escola, academia, igreja, família e entre outros que são resultantes da relação do ser humano com a sociedade, ou seja, da interação de indivíduo entre indivíduo, pois

⁷ Assentamento formado por meio do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA. O INCRA é uma autarquia federal, que visa executar a reforma agrária e fazer o ordenamento fundiário nacional. Surgiu em 9 de julho de 1970 pelo Decreto nº 1.110. Hoje o INCRA está implantado em todo o território nacional por meio de 30 superintendências regionais. Disponível em: <http://www.incra.gov.br/institucional_abertura/>.





somente “[...] os seres humanos formam figurações uns com os outros” (ELIAS, 2006, p. 25).

Com base em Elias (1993), foi possível refletir que por meio das relações plurais, nas figurações que cada indivíduo se encontra, há um elo que os tornam ligados, e nesse meio, surge a interdependência. No pensamento elisiano, o indivíduo está envolto em uma rede de ações que ligam um ser ao outro, pelas próprias relações de dependência entre eles, em uma complexa trama de interações que se configura num processo de interdependência entre os humanos. Nas palavras do autor:

[...] planos e ações, impulsos emocionais e racionais de pessoas isoladas constantemente se entrelaçam de modo amistoso ou hostil. Esse tecido básico, resultante de muitos planos e ações isolados, pode dar origem a mudanças e modelos que nenhuma pessoa isolada planejou ou criou. Dessa interdependência de pessoas surge uma ordem sui-generis (sic), uma ordem mais irresistível e mais forte do que a vontade e a razão das pessoas isoladas que a compõem. É essa ordem de impulsos e anelos humanos entrelaçados, essa ordem social, que determina o curso da mudança histórica, e que subjaz ao processo civilizador. (ELIAS, 1993, p. 194).

Norbert Elias esclarece que os seres humanos estão envoltos em uma rede de ações que os ligam mutuamente um ao outro, pelas próprias relações de dependência entre si. Essa rede de ações forma uma complexa trama, provocando um processo de interdependência entre os indivíduos que vai além da nossa simples vontade ou desejo de mudança, ou manutenção dos processos sociais vivenciados. Nesse sentido, as pessoas obrigam-se a conviver mutuamente dependendo umas das outras socialmente.

As relações de interdependências criam as figurações, que são grupos de pessoas com vínculos específicos e móveis podendo ser aplicados a pequenos ou grandes grupos como os professores de uma escola ou os indivíduos que compõem uma região, dentre outros (ELIAS, 2005). E para compreender a história da profissão docente é imprescindível ouvir os principais atores desse processo ‘os professores’, suas trajetórias e vivências. Quando um professor fala sobre si e seu trabalho, ele pode verificar que suas experiências de vida pessoal e profissional têm um papel significativo para o entendimento do próprio ‘eu’ como um sujeito social que faz história.





Além de analisar a sua prática pedagógica e refletir sobre o que fez e o que ainda pode ser feito.

Para tanto, a abordagem metodológica da História Oral Temática, teve papel importante na construção deste estudo e com apoio do método chamado de entrevista tornou-se possível o acesso à história e as memórias da professora Vera. Meihy (1994, p. 57, sic.) destaca que a “[...] história Oral Temática aborda questões externas, objetivas, factuais, temáticas [...]”, objetiva ouvir fatos ocultos e dá oportunidade para o indivíduo falar sobre sua história, permitindo o contato direto do pesquisador com sua fonte de estudo.

Tal abordagem metodológica permite conhecer histórias e memórias de indivíduos que narram suas experiências de vida e profissional, proporcionando a propagação de conhecimento científico, o qual muitas vezes não pode ser encontrado em fontes documentais como impressos e outros. A fonte oral tem a capacidade ainda de se transformar em registro documental, contribuindo com a escrita da história e memória de um tempo, de um povo e de um lugar específico valorizando o sujeito e sua história.

Por meio da documentação gerada pela fonte oral, foram analisadas, as figurações e as interdependências pessoais, sociais e profissionais da professora entrevistada, considerando que suas narrativas e as suas memórias colaboram com a discussão e a escrita da história da educação e da profissão docente do município de Itaquiraí/MS, interior de Mato Grosso do Sul, sendo essa região, pouco explorada conforme apontaram as pesquisas de Faria (2018), Montiel (2019) e Rodrigues (2019) que as investigações ainda são poucas.

A trajetória docente de professores da infância, assim como a trajetória de vida de todo indivíduo permite identificar como as pessoas fazem parte de uma rede de acontecimentos individuais e sociais, permeados por interesses e necessidades de cada um, mas que precisam constantemente do outro para a realização dos mesmos (ELIAS, 2006). Considerando que a partir dessa rede de relações cada indivíduo vai construir a sua história, a utilização da metodologia da História Oral pode ajudar nos registros e compreensão de experiências tanto individuais como sociais.

A História Oral vem se mostrando cada vez mais frequente em pesquisas na história da educação como em estudos na educação em geral, isso se deve ao fato, de ela enaltecer a vida e as obras de indivíduos, ocultos ou não e a localização de informações inéditas e restritas dentre as muitas fontes existentes espalhadas, e sob, a guarda de pessoas que têm muito a revelar quando começam a





contar sobre as suas experiências vividas. A História Oral é entendida segundo Alberti (2013, p. 24) como um:

[...] método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica etc.) que privilegia a realização de entrevista com pessoas que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos, conjunturas, visões de mundo [...] Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos, conjunturas etc.

Esta abordagem pode ser entendida como uma metodologia que usa entrevista como método para ouvir e posteriormente gerar registros de narrativas de experiências de indivíduos. Apresenta-se como uma ferramenta riquíssima que pode auxiliar no entendimento de memórias e histórias de profissionais e “essa riqueza da História oral está evidentemente relacionada ao fato de ela permitir o conhecimento de experiências e modos de vida de diferentes grupos sociais” (ALBERTI, 2008, p. 166). Com isso, o pesquisador pode buscar nas memórias do entrevistado acontecimentos importantes que acorreram durante a sua vida e dessa maneira, chegar ou aproximar de suas indagações, pois “a história busca produzir um conhecimento racional, uma análise crítica através de uma exposição lógica dos acontecimentos e vidas do passado” (FERREIRA, 2002, p, 321).

Deste modo, as lembranças relatadas pela entrevistada levaram a perceber o papel da memória como agente significativo na compreensão de vivências e acontecimentos vividos por ela durante a carreira docente, assim, Bosi (1994) destaca que, “[...] a memória do trabalho é o sentido, é a justificação de toda uma biografia” (BOSI, 1994, p. 481). E aquilo que marca a vida de uma pessoa é mais evidente vir à tona no momento em que está relando sua história, desta forma, a memória pode ser vista como “[...] propriedade de conservar certas informações remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas” (LE GOFF, 1990, p. 36). Todavia, Joutard (2006) destaca que a finalidade da memória não deve estar somente no “[...] dever de rememorar, mas também como dever de transmitir uma experiência indizível, a fim de impedir que se perca esse acontecimento único” (JOUTARD, 2006, p. 48).

Na entrevista o indivíduo tem a liberdade de falar sobre seu passado, sua vida, suas experiências profissionais e muito mais, de





acordo com a vontade e necessidade dele de declarar ao pesquisador. As contribuições teóricas e metodológicas da História Oral podem auxiliar na compreensão do processo de desenvolvimento da sociedade a partir de histórias de indivíduos que nela vivem e da trajetória de professores, por que “[...] a memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos” (THOMPSON, 2002, p. 17).

Assim, pode-se considerar que as fontes orais revelam o inexpressível e “[...] contam-nos não apenas o que o povo fez, mas o que o povo queria fazer, o que acreditava estar fazendo e o que agora pensa que fez” (PORTELLI, 1997, p. 231). Pela fonte oral os indivíduos se sentem importantes ao contar suas histórias, pois alguém lhe está dando atenção e ouvindo tudo o que às vezes queria dizer, mas não teve oportunidade para tal, diante disso, a História Oral aparece como um meio, como porta de entrada para a revelação de histórias que são fundamentais tanto para quem conta como para quem ouve.

2. Trajetória profissional e história de vida: As memórias da docência

Vera nasceu em Ribas do Rio Pardo no estado de Mato Grosso/MT⁸ em 1969 tem 49 anos é casada e tem dois filhos. Na infância perdeu a mãe e a partir de então, viveu com o pai que era militar e sua única irmã. Aos 18 anos se casou e levou a irmã para morar com ela devido ao trabalho do pai. Destacando que em função da morte da mãe, Vera não teve uma infância fácil, contudo, hoje ela considera que essa fase é a base primordial na vida do ser humano pois se a criança tiver a oportunidade de viver bem, e com sua família conseguirá seguir adiante como relata: “Para mim [...] a infância é à base de toda formação humana” (VERA, 2017). Subentende-se que a professora Vera quis dizer que a infância é o alicerce que sustentará o indivíduo nos demais seguimentos da vida, entretanto,

Quando a pessoa está contando fatos da sua vida ela acredita que aquilo aconteceu, vai valorizando ou desvalorizando determinadas situações, lembrando dos acontecimentos mais significativos e selecionando, através da memória. No momento presente, que está

⁸ Na época tal cidade pertencia ao Mato Grosso, mas atualmente faz parte do Mato Grosso do Sul.





sendo contado, aquele conteúdo é o sentido que a pessoa confere às suas experiências, ou seja, o significado que ela atribui aos fatos e que está fundamentado na sua percepção de mundo e na maneira como ela representa tais experiências. (SARAT, 2004, p. 114).

É desse modo que o indivíduo significa as memórias e as vivências coletivas. Lembrar-se das vivências do tempo de infância é um exercício que, segundo Arroyo (2004), nos permite compreender melhor a centralidade da nossa formação.

Vera, quando adulta morou um tempo em Dourados/MS, mas hoje reside no município de Itaquiraí/MS, no assentamento Tamakavi. A professora Vera é formada em Ciências Contábeis, Magistério e Normal Superior. Ela mencionou que a princípio não queria ser professora. Estudou para atuar na docência, devido à insistência do pai, para o qual, mulher teria que ser professora, como comenta, “no início eu não queria ser professora, mas meu pai dizia que toda mulher deveria ser. Então, cursei o Magistério depois fiz Contabilidade porque eu não tinha interesse em dar aula” (VERA, 2017).

O papel atribuído ao homem e a mulher, impõe a função de cada indivíduo na sociedade. Essas relações acabam por fazer com que se idealize o que é habitual a um homem praticar ou até mesmo o que não é natural da mulher realizar. Entretanto, a desigualdade entre homem e mulher é construída socialmente e não se dá por meio da diferença biológica de cada um, ou seja, é algo construído sócio e culturalmente.

Na educação, estudos apontam que a concepção vigente é de que as mulheres são consideradas aptas para exercer a profissão docente com crianças, pois possuem características consideradas femininas, como vocação, paciência e habilidade, essenciais para lidar com os pequenos. Os homens por sua vez são considerados inapropriados pois são “sem jeito” e “brutos”, para muitos oferecem perigo a integridade física das crianças (FARIA, 2018, p. 94). Mas, nem sempre foi assim, na história da educação e da profissão docente, a bibliografia nos informa que inicialmente, no Brasil, somente homens atuavam como professores. Posteriormente, em decorrência de transformações sociais, especialmente nos séculos XIX e XX, as mulheres começaram a participar de forma ativa em seus grupos sociais (além dos limites do lar) e a ocupar alguns postos que anteriormente eram exclusivos dos homens. A profissão docente foi





uma das primeiras e principais ocupações da mulher nesse período (LOURO, 2012).

A partir do que acima está posto, acredita-se que o processo civilizador, como algo em continuidade, esteve (está) permeado por aspectos de gênero quando localiza lugares e espaços para homens e para mulheres, mesmo na determinação da profissão. Nesse aspecto, Elias, com seu conceito de figuração, colabora com a compreensão do espaço ocupado por mulheres e por homens, apontando que as inclinações pessoais levam os indivíduos a se unirem e, em longo prazo, transformarem as estruturas sociais.

A professora também relata que atuar na docência não era a sua intenção, Vera diz que hoje ama o que faz, e acatar a vontade do pai foi a coisa certa que fez naquele momento, pois hoje isso reflete no fato de ela se identificar como professora e gostar de trabalhar com crianças. Destacou também que sua única profissão foi e é a de docente, que no caso se deu pela imposição de seu pai. Foi uma ação não planejada por ela ou como assegura Elias (1993) foi um processo cego, que ocorreu independente de sua vontade naquele momento, mas determinado pelo seu convívio familiar e social.

Para Elias (1993) não há um ordenamento ou planejamento nas ações impostas às pessoas e as trajetórias estão sempre sujeitas ao acaso, ou seja, ao não planejado, ao incontrolável e ao inusitado, mesmo que exista a prerrogativa de planejar:

A civilização não é ‘razoável’, nem ‘racional’, como também não é ‘irracional’. É posta em movimento cegamente e mantida em movimento pela dinâmica autônoma de uma rede de relacionamentos, por mudanças específicas na maneira como as pessoas se veem obrigadas a conviver. Mas é impossível que possamos extrair dela alguma coisa mais ‘razoável’, alguma coisa que funcione melhor em termos de nossas necessidades e objetivos. Porque é precisamente em combinação com o processo civilizador que a dinâmica cega dos homens, entremisturando-se em seus atos e objetivos, gradualmente leva a um campo de ação mais vasto para a intervenção planejada nas estruturas social e individual – intervenção esta baseada num conhecimento cada vez maior da dinâmica não planejada dessas estruturas. (ELIAS, 1993, p. 195).



Corroborando essa perspectiva elisiana, é possível dizer que a professora entrevistada se inseriu na docência devido às relações de interdependências vivenciadas em seus contextos familiares e sociais. Parte dessa trajetória pode ser creditada a oportunidades e a necessidades sociais que foram surgindo com a divisão do trabalho. A teoria do processo civilizador individual, assim como a dos processos sociais, conclui que esses processos vão cegamente acontecendo e sendo construídos pelos indivíduos (SARAT, 2014). E assim, ao se deparar com a falta de professores na região que se concentrava o acampamento do MST, o qual fazia parte, Vera inicia sua trajetória docente.

Vera falou sobre suas primeiras experiências, dizendo “minha primeira turma foi a Educação Infantil. [...] iniciei em 1997 depois trabalhei com várias turmas e alfabetizei os meus dois filhos também [...]” (VERA, 2017). Ela começou na carreira atuando com crianças de 4 a 6 anos e não demorou muito passou a atuar em turmas multisserieadas por que a demanda ia crescendo conforme o acampamento aumentava.

Figura 1: Crianças lanchando na escola no acampamento do MST em 1997.



Fonte: Arquivo pessoal (VERA, 2017).

A imagem acima mostra a escola feita no acampamento. É possível observar as condições precárias de estrutura física para o atendimento as crianças, porém Vera relatou que as dificuldades eram grandes, mas ajudavam um ao outro, e ofereciam as crianças o que era possível na época. As mulheres dos líderes do grupo de acampados auxiliavam na preparação do lanche para as crianças e recebiam os alimentos por intermédio do MST que reivindicava ao



estado constando a necessidade de doações para a escola. Vera pontuou sobre o início da carreira e disse:

As dificuldades eram grandes. Não tínhamos material pedagógico. Contávamos com doações do estado, das escolas de Naviraí e do Banco do Brasil. Foi o que ajudou, e eu também não tinha experiência. Não foi fácil! Contávamos com apoio de fórum de universidades de Campo Grande, o MST trazia os professores para dar curso para nós. (VERA, 2017).

A partir da figura 1 e do relato da professora, é notável a dificuldade em encarar a prática pedagógica, quando não há recursos e materiais suficientes para auxiliar nas atividades com as crianças. Furtado e Pinto (2013) esclarecem que em muitas escolas rurais do MS, a situação era precária e deficiente devido à falta de investimentos por parte do governo e o ensino público era “[...] caracterizado pelo [...] número reduzido de prédios apropriados para o funcionamento das escolas, falta de mobiliário escolar e de material didático, condições higiênicas inadequadas dos prédios escolares, professores sem formação para o exercício da docência”.

Entretanto, o MST buscava parcerias como disse Vera, tanto na solicitação de materiais e alimentos como na busca de cursos de capacitação para os professores. Segundo Vera (2018) esses cursos eram ofertados nas cidades vizinhas Naviraí/MS e Itaquiraí/MS, onde uniam todos os docentes de acampamentos mais próximos. Assim, como “lembraça puxa lembrança [...]” Bosi (1994, p. 39), Vera continuou a relatar dizendo sobre o papel que exercia na escola do acampamento.

Tínhamos mais do que a função de dar aula. Coordenávamos⁹ tudo, e éramos voluntários. O município não contratava, por que podíamos mudar a qualquer momento como acampados. Só no ano de 2000 com a abertura do assentamento, a gente passou a ser contratado pelo município definitivamente. (VERA, 2017).

O assentamento que a professora cita em sua fala, é o Tamakavi, já mencionado anteriormente, e o referido assentamento surgiu no final do ano de 2000, por meio do INCRA que loteou a

⁹ Vera e seu esposo que estavam à frente da escola, dando aula e organizando tudo para que a instituição no acampamento se firmasse.



fazenda Tamakavi e distribuiu terras para o grupo de acampados, o qual Vera pertencia. A foto abaixo apresenta a escola que de acordo com Vera (2018) foi organizada com duas salas na sede da antiga fazenda Tamakavi.

Figura 2: Vera e as crianças na escola do assentamento Tamakavi s/d.



Fonte: Arquivo pessoal (VERA, 2017).

A figura 2 mostra a professora Vera com a turma de crianças na idade de 7 anos em frente à instituição que passou a ser a definitiva. A escola funcionava nos dois períodos, atendendo a primeira fase do ensino fundamental, na época. Os alunos do 6º ano em diante iam de transporte coletivo estudar em Itaquiraí/MS. Vera atuava com as turmas de 1º e 2º ano cada classe em um período, as outras turmas, eram de responsabilidade de seu esposo que trabalhava com o 3º e 4º em uma única sala de manhã e a tarde ele atuava só com a 5º ano.

Deste modo, sobre as dificuldades enfrentadas ao longo da carreira docente e as conquistas alcançadas, a professora Vera contou que no início foi complicado, árduo porque ela só tinha formação em Magistério e via a necessidade de fazer um curso superior para atuar. Foi quando passou a fazer o curso Normal Superior oferecido pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS na cidade de Mundo Novo/MS.

Segundo Elias (2006), para se constituírem profissionais, os indivíduos precisam de algumas bases de conhecimentos. Uma dessas bases compreende os conhecimentos científicos dentro da área de atuação. Outra engloba os conhecimentos da profissão e os instrumentos para que ocorra a construção do conhecimento. Na





profissão docente, o professor, durante a sua formação acadêmica, dispõe de uma ampla gama de conhecimentos teóricos e práticos que o levam à construção de uma base para a atuação no seu campo de trabalho.

Elá participou também de cursos de formação continuada, foi o que a ajudou e “trocava experiências nesses cursos com alguns professores que já estavam atuando e foi melhorando” (VERA, 2017). Entretanto, nota-se que a formação de professores é muito mais do que um espaço de aquisição de habilidades e também de conhecimentos, a formação docente é o período primordial de socialização e da configuração profissional (NÓVOA, 1992).

Percebeu-se, porém, que ela tinha ciência de que a devida preparação podia ser um fator determinante na melhoria da qualidade da educação. A formação da professora foi pautada em uma relação entre os saberes da vida, ou do cotidiano, e um processo contínuo de desenvolvimento pessoal e profissional.

Isso mostra o quanto à interação social é importante para se viver em sociedade pois na relação com o outro o ser humano cresce e aprende constantemente, Elias destaca que as relações sociais são “[...] condições fundamentais da existência humana [...]” Elias (1994, p. 23), nas quais os indivíduos se unem com objetivos e proposições comuns. E foi nessa perspectiva que a professora Vera destacou que seguiu para construir conhecimentos e se constituir enquanto professora na profissão, a partir das trocas de experiências entre seus colegas que foram imprescindíveis para aprimorar sua prática pedagógica.

Ao abordar sobre suas dificuldades, a professora Vera destacou que compreendia a busca por conhecimentos novos para trabalhar com a infância, era e é fundamental para atender as crianças nas demandas do desenvolvimento de aprendizagens, ressaltando que tal busca acontecia por meio das parcerias estabelecidas e das aprendizagens que iam acontecendo ao longo do processo, valorizando ora ações mais coletivas, ora mais individuais. Iwamoto e Sarat (2016, p. 86) destacam que “embora as pessoas tenham uma formação coletiva em padrões culturais, estruturas sociais e processos históricos, sua compreensão, [...] é individual e subjetiva, pois ao se expressar, o indivíduo muda, conta e reconta conforme seus interesses [...]”.

A cooperação entre os sujeitos é fundamental pois juntos podem fazer parcerias e construir conhecimentos, porém mesmo os indivíduos tendo uma formação coletiva, estes, produzem seus saberes individuais e constroem suas experiências. Atualmente, Vera





trabalha com crianças de pré-escola em uma instituição no assentamento rural vizinho chamado de Santa Rosa, onde foi construída uma escola ampla para atender a demanda dos três assentamentos sendo: Tamakavi, Boa Sorte e Santa Rosa que oferta desde Educação Infantil ao Ensino Médio. Os alunos chegam à escola por meio do transporte coletivo. Diante disso, a escola da Tamakavi, como era pequena foi fechada e as crianças passaram a ir para a Escola Santa Rosa. Vera discorreu sobre sua prática pedagógica apontando que hoje trabalha:

Por temas que são distribuídos para cada mês durante todo o ano. Agora estamos trabalhando a comunicação, vamos trabalhar a cultura e as datas comemorativas, como o dia dos pais, etc. Trabalhamos a linguagem, matemática, ciências da natureza, artes visuais e as oficinas. Todos os dias, inicio com a rotina, que é a oração universal, história, chamadinha, música. Depois trabalho com atividade de pintura, colagem e escrita. (VERA, 2017).

O fazer pedagógico na infância precisa abordar todas as áreas do conhecimento, as quais a criança, precisa aprender de acordo com as especificidades de sua idade, partindo das suas próprias necessidades. Nem sempre começar por propostas já prontas é a melhor opção, os temas delimitados são importantes, mas é preciso fazer um diagnóstico para identificar o que as crianças necessitam de fato aprender na Educação Infantil, pois essa fase tem a função de priorizar os conhecimentos que as crianças têm e assegurar novas aprendizagens (KRAMER, 2005).

Didonet (2001) também defende que a criança precisa ser o sujeito principal de construção da aprendizagem: "Por isso, uma instituição educacional para crianças pequenas tem, antes de tudo, a missão de acolher, de ser o lugar do encontro e de estar aberta ao novo, ao original, ao criativo" (DIDONET, 2001, p. 11). Sobre as atividades lúdicas que envolvem o brincar, Vera mencionou que todos os dias depois da rotina, das atividades do tema norteador, há um horário estabelecido para as brincadeiras. Assim, percebe-se que o brincar vem por último no planejamento da professora.

Na segunda vamos para o parque. Terça, fazemos brincadeiras no pátio como de roda, amarelinha, bulita. Brincamos de jogo de bola brincadeiras do dia a dia. Quarta nós trabalhamos o desenho, a pintura, a história





e a música. Quinta, trabalhamos arte, natureza e sociedade. É o tema das preservações ao meio ambiente. E na sexta trabalhamos com as oficinas que são as construções de brinquedos. E a cada quinze dias tem o dia do brinquedo, eles trazem de casa seus brinquedos, mas podem usar os da sala também. A gente esparrama tudo e as meninas brincam de casinha e os meninos de carrinho. A escola está com um projeto chamado Aprender brincando e estamos construindo os brinquedos com eles. No final do ano vamos fazer um seminário e apresentar o que foi produzido. (VERA, 2017).



Nota-se que o brincar está presente na prática pedagógica da professora Vera, mas o que predomina nas atividades ao longo da semana, são atividades de registros, pois as brincadeiras são trabalhadas na segunda, terça e a cada quinze dias que é o dia do brinquedo. É notório que o brincar é uma ferramenta rica que contribui com a aprendizagem constante da criança e em todas as ações rotineiras elas podem brincar e aprender, além de explorar objetos, a imaginação e a criatividade. Assim, a instituição educativa precisa ser um espaço aberto para essas possibilidades de conhecimento.

É preciso considerar que a professora atuava em condições adversas e precisavam desenvolver estratégias para trabalhar com todos os alunos. Nas relações interdependentes na escola, os professores se apresentam atentos a atender às características do conteúdo, das séries, das disciplinas e dos alunos envolvidos. Esse processo consiste numa prática social complexa, socialmente determinada e, ao mesmo tempo, única, diferenciada pelas interpretações individuais e emoções suscitadas.

3. Considerações Finais

Por meio da história de Vera e as suas memórias da docência é possível observar o quanto foi difícil o início de sua carreira docente. A professora narrou lembranças e experiências construídas no decorrer da trajetória mencionando acontecimentos que marcaram sua carreira profissional. O falar de si, atribuindo um novo valor ao que foi vivido, permitiu refletir sobre processos de construção pessoal e profissional, elucidando as relações interpessoais, experiências e sentimentos vivenciados e experimentados durante a trajetória do magistério.





Ela foi voluntária, teve a iniciativa de organizar uma escola rural no meio do 'nada', onde existiam crianças e famílias que viviam em barracos de lona em um acampamento do MST. Vera lutou para buscar parcerias e conseguiu dentro das condições que tinham na época, estruturar o espaço para atender as crianças. A história da professora Vera é relevante para a comunidade, na qual mora porque todas as crianças que viveram e as que vivem no assentamento Tamakavi tiveram o primeiro contato com a escola, a partir dela. Ela foi à primeira educadora do assentamento que acompanhou as turmas desde a época que pertenciam ao acampamento. A professora compreendia a importância de seu trabalho na mediação do conhecimento, no desenvolvimento social, afetivo e cognitivo de seus alunos.

Os dados dialogados neste trabalho levaram a perceber que a forma como a professora Vera conduziu a sua atuação foi singular e única para ela, mas que aconteceu por meio das relações pessoais e sociais entre os indivíduos no espaço profissional como também fora dele. A trajetória de Vera permitiu ainda compreender o processo de constituição da profissão docente, do ser professora, da prática docente com crianças e do papel que a mesma teve na educação da infância no interior do estado, pois, como ensina Elias (1994), a sociedade não existe sem indivíduos, bem como os indivíduos não existem sem sociedade.

A professora Vera, ainda mora no assentamento Tamakaví e continua desenvolvendo seu trabalho, destacando que na busca por se estabelecer enquanto professora, tem contribuído significativamente com a história da educação da infância rural desta região, colaborando também com a reflexão sobre a história e escrita da profissão docente em Mato Grosso do Sul.

Nesta perspectiva, a de se considerar também que existe a necessidade de avanço em estudos acerca da temática, aqui discutida, a fim de entender em mais detalhes as fases, a história da docência com a infância no interior do estado, bem como para conhecer as memórias ocultas que estão a espera dos pesquisadores para serem registradas e divulgadas.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, V. Histórias dentro da História. In: PINSKY, C. B. (Org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2008.



Perspectivas em Diálogo, Naviraí, v. 7, n. 12 (especial), p. 127-145, 2019.



ABERTI, V. *Manual de Historia Oral*. 3^a ed. Rio de Janeiro: FGV, 2013.

ARCE, A. *Friedrich Froebel*: o pedagogo dos jardins de infância. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BRASIL. Mato Grosso do Sul. *Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Desenvolvimento Econômico (SEMADE)*. Perfil Estatístico de Mato Grosso do Sul. Ano base, 2015. Campo Grande: SEMADE, 2016, 109 p. Disponível em: <http://www.seinfra.ms.gov.br/wp-content/uploads/sites/6/2017/06/Perfil_Estat%C3%ADstico_MS_2016.pdf>. Acesso em: 7 out. 2018.

BEN-PERETS, M. VI II Episódios do passado evocados por professores aposentados. In: NÓVOA, A (Org.). *Vidas de professores*. 2º Ed. Portugal: Porto Editora, 2000.

BOSI, E. Tempo de lembrar. In. (Org.). BOSI, E. *Memória e sociedade*: Lembranças de velhos. Companhia das Letras, 3 ed. São Paulo, 1994.

ELIAS, N. *O processo civilizador*: formação do Estado e civilização. V. 2. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

ELIAS, N. *A sociedade dos indivíduos*. Organização de Michael Schoter, tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

ELIAS, N. *Introdução à sociologia*. Lisboa: Edições 70, 2005.

ELIAS, N. Conceitos sociológicos fundamentais. In: NEIBURG, F.; WAIZBORT, L. (Org.). *Escritos e ensaios*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. p. 21-33.

FARIA, H. A. *Trajetórias de professores homens que atuaram com crianças no interior de Mato Grosso do Sul (1962-2007)*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação FAED - Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD. Dourados/MS, 2018.

FERREIRA, M. M. História, tempo presente e história oral. *Topoi (Rio J.)*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 5, p. 314-332, dez. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2237-101X2002000200314&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 15 out. 2019.





IWAMOTO, V; SARAT, M. Danças Japonesas: a história e a trajetória de uma professora imigrante. *Dossiê. História Oral*, v.19, n. 2, p.8. jul/dez. 2016.

KRAMER, S. Educação Infantil e Formação, a titulação de conclusão: Formação de professores, a necessária democratização da educação infantil. In: KRAMER. S (org.). *Profissionais de Educação Infantil: Gestão e Formação*. São Paulo: Editora Ática, 2005.

MEIHY, B. S. C. J. Definindo História Oral e memória. Comunicação apresentada no 1º Encontro Nacional de História Oral. São Paulo, 19 de abril de 1993. *Cadernos CERU* – nº 5 serie 2, 1994.

MONTIEL, L. W. T. *Da assistência à Educação Infantil: A transição do atendimento à infância no município de Naviraí, MS (1995-2005)*. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação. Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD, Dourados/MS, 2019.

NÓVOA, A. Formação de Professores e Profissão Docente. Disponível em:
http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/4758/1/FPPD_A_Novoa.pdf
>. Acesso em: 20 de dez. de 2017.

NÓVOA, A. I Os professores e as histórias da sua vida. In: NÓVOA, A (org.). *Vidas de professores*. 2º Ed. Portugal: Porto Editora, 2000.

RODRIGUES, S. T. G. *História do Clube de Mães e as origens do atendimento à criança pequena em Naviraí – (MS) (1970-1990)*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD, Dourados/MS, 2019.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: História Oral*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

PORTELLI, A. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. 1997. *Revista Projeto História*. Disponível em:
<http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11215/8223/>
>. Acesso em: 06 de jun. de 2018.





Entrevista

Vera Antônio Monteiro Pinto Cardoso. Trajetória docente. Entrevista concedida a Giseli Tavares de Souza Rodrigues realizada em novembro de 2017.

Recebido em: 25 de setembro de 2019
Aceito em: 15 de outubro de 2019

